

## Neemias: O Perfil de Um Político

Nelson Kilpp

O Antigo Testamento sempre foi bastante crítico frente aos poderes políticos de sua época. São poucos os reis israelitas que ficaram isentos de crítica. Há algumas tendências de retratar positivamente o rei Davi (p.ex. 1 Sm 16s; 24;26), mas não faltam textos que destaquem os seus erros e pecados (p.ex. 2 Sm 11s). Mesmo que haja uma corrente bíblica que acentue a sabedoria de Salomão (p.ex. 1 Rs 3), a impressão que ficou marcada para as gerações futuras é a de que Salomão desviou seu coração de Deus por causa de suas muitas mulheres (p.ex. 1 Rs 11; Ne 13.26). Quem melhor se sai nesta avaliação dos reis israelitas parece ser Josias (2 Rs 23.25; Jr 22.13ss), sem dúvida por causa de suas reformas no âmbito do culto. Dentre os reis de potências estrangeiras, somente Ciro é visto positivamente (Is 44.28;45.1). É que com o rei persa se vinculam expectativas de libertação do cativo babilônico. Diante deste quadro geral, é, no mínimo, estranho que um livro que trata dos feitos de um governador persa na província de Judá conseguiu entrar no rol dos livros sagrados do Antigo Testamento.

Um dos motivos para esta importância dada a Neemias foi, sem dúvida, a situação histórica peculiar de sua atuação. Com Esdras e Neemias consolida-se a restauração do povo de Israel em sua terra após o exílio babilônico. É a hora da estabilização e redefinição da fé de Israel e da origem do que convencionou-se chamar judaísmo. Neemias deu uma contribuição decisiva numa encruzilhada histórica do povo. Há, no entanto, indícios de que Neemias podia ser visto também como o político ideal. Para Jesus Sirac, Neemias é o último ilustre da história de Israel. Enquanto que, para o autor do Sirácida (= Eclesiástico), os reis de Israel levaram Jerusalém e o povo à ruína (Sir 49.4ss), Neemias reconstrói a cidade (49.13), dando um novo início à vida do povo. Quais teriam sido as características deste político, que tornaram sua "lembrança" tão "grande"?

## 1 — O Israelita Piedoso

A religiosidade de Neemias — que não faz parte do clero — é uma das características mais marcantes no livro. Chama a atenção que a maioria das informações que temos a respeito de Neemias provêm do seu próprio punho. Na base do livro bíblico está um relatório de atividades do próprio governador (Ne 1.1-7.72; 12.31-43; 13.4-31). Este relatório pretende ser um tipo de prestação de contas. Não sabemos ao certo se o relatório é destinado ao imperador persa ou para ser lido diante da assembléia do povo judeu ou, então, para defender o autor de acusações de um grupo de oposição. Em última instância, porém, a prestação de contas é feita para Deus. Diversas vezes, em seu relatório de atividades, Neemias se dirige a Javé, seu Deus, com o pedido: “Lembra-te de mim” (5.19; 13.14,22,31; cf. 6.14; 13.29). O relato termina assim: “Lembra-te de mim, ó meu Deus, para o meu bem.” Esta prece dá a perspectiva para o todo do relato: Neemias entende toda a sua atuação como algo que pode ser considerado por Deus em benefício do autor.

Muitos luteranos pressentiriam nesta afirmação uma tentativa de barganhar a salvação com um inventário de boas obras. Não creio que isto faz justiça a Neemias. Pois, como qualquer israelita piedoso, também Neemias considera tudo que consegue realizar como realização de Deus. É Javé que convence o imperador persa a deixar Neemias partir para sua pátria (2.8). É o Deus do céu que faz com que os construtores da muralha de Jerusalém tenham êxito em seu trabalho (2.20;4.9). O temor a Javé é o motor da atuação de Neemias. Ao saber da situação miserável em que vivem seus irmãos, os israelitas em Judá, ele chora, fica de luto e em jejum, e ora. Em oração, Neemias repassa toda a história de culpa de seu povo, mas está confiante nas promessas de Deus como um dos “que se comprazem no temor” de Javé (1.11). Os nobres que se aproveitam de seus irmãos mais pobres são acusados de não “caminharem no temor de Deus” (5.9). Neemias leva a sério Pv 1.7: “O temor a Javé é o princípio da sabedoria.” Este “temor” está também por trás de sua decisão de deixar uma vida de luxo na corte para dedicar-se aos seus irmãos na fé. A solidariedade com os irmãos é, portanto, consequência deste temor. Creio que podemos falar em fé, já que o temor inclui a confiança em Javé. Quando Neemias tem que motivar os habitantes de Jerusalém a se mobilizarem para o trabalho e a não desistirem por medo, apela a que confiem em Deus (2.18;4.8).

Neemias é um dos descendentes dos exilados à Babilônia por Nabucodonosor em 597 ou 587 a.C. que não regressaram à pátria depois do

decreto de Ciro (538), que permitiu a reconstrução dos locais de culto destruídos pelos babilônios. Tudo indica que a família de Neemias foi uma das que, durante o exílio, conseguiram subir na vida e até ocupar postos importantes na administração babilônica e persa. Não sabemos como Neemias chegou ao importante cargo de copeiro-mor no palácio real de Susa, uma das capitais do Império Persa. O copeiro-mor tinha acesso direto ao imperador, de modo que o cargo equivalia ao de um conselheiro real ou ministro de Estado. Neemias, sem dúvida, estava bem de vida. O texto, no entanto, não enfatiza este aspecto. Ele acentua a religiosidade de Neemias. O próprio nome "Neemias" — que significa "Misericórdia de Javé" — revela que a família do futuro governador de Judá permaneceu na tradição dos pais mesmo no estrangeiro, não se deixando contaminar por outras religiões. Esta sábia piedade de Neemias, que está em continuidade com as mais caras tradições do povo de Israel e que forma a motivação e a base de sua atuação política, foi o principal motivo de o relatório de Neemias tornar-se texto bíblico.

## 2 — Um Político Ingênuo?

O leitor irá, no entanto, desconfiar um pouco das conseqüências desta piedade de Neemias. Será que a religiosidade autêntica deste homem não é explorada pelo Império Persa? Será que Neemias não foi um ingênuo que se deixou atrelar aos interesses maiores dos poderosos do mundo? Estas perguntas têm que ser feitas, pois conhecemos o funcionamento do Império Persa. Sabemos, p.ex., que a política persa favorecia a religião nas províncias e de grupos minoritários para evitar descontentamento entre a população dependente e eventuais distúrbios no sistema econômico e político. Tem, portanto, razão de ser a pergunta: Não teria sido Neemias um político ingênuo?

Sabemos que, depois da reforma econômico-administrativa do oficial de exército Dario (522-486), o império podia ser controlado com muita eficiência. Isto valia para o controle político dos governantes nas satrapias e nas províncias através de fiscais. Isto valia também para a cobrança de tributos dos súditos. A unidade político-administrativa logo abaixo do governo central, a satrapia, recolhia anualmente aos cofres reais uma taxa fixada pelo império. Sabemos que a satrapia Além-Rio, que englobava a Síria e Palestina, pagava, sob Artaxerxes I (465-424), 350 talentos de ouro ao ano. O sátrapa e os demais funcionários da satrapia, no entanto, não eram pagos pelo império. Por isso, o sátrapa reco-

lhia das unidades administrativas menores, as províncias, além da taxa para o rei, também a taxa para o sustento da própria satrapia. Os governadores das províncias, responsáveis pela cobrança dos tributos ao rei e à satrapia dos proprietários de sua província, acresciam aos tributos devidos ainda os custos do governador e da administração provincial. Ne 5.15 dá uma idéia do que significa o "pão do governador": 40 siclos de prata por dia. Na estrutura do Império Persa a tributação tinha, portanto, efeito de avalanche. O povo pagava três níveis de governo: o governador, o sátrapa e o rei. Para que o recolhimento dos tributos não estancasse, o imperador tinha que ter gente de confiança tanto na satrapia quanto na província.

A necessidade de funcionários leais ao império tornou-se ainda mais imperiosa na época de Artaxerxes I. Diversos motivos levaram a isso. Uma vez, Artaxerxes optou, em continuidade com o estilo de seu pai, Xerxes, por manter uma corte de muito luxo e de muitos gastos. Além disso, adotou uma política econômica de acumular ouro e prata em seus cofres reais, tornando o vil metal cada vez mais escasso nas províncias e, portanto, cada vez mais caro. Esse dinheiro era, em boa parte, gasto nas freqüentes guerras do império com as cidades gregas que ameaçavam a hegemonia persa no comércio do Mar Mediterrâneo. Politicamente, o Império Persa começava a desmoronar na época de Artaxerxes. O enfraquecimento por causa dos constantes conflitos com os gregos induzia muitas satrapias do império a tirarem proveito desta fraqueza. Havia tentativas de conquistar a autonomia política e econômica. A satrapia do Egito, vizinha à do Além-Rio, sublevou-se diversas vezes, muitas delas com o apoio de Atenas, contra o império, recusando-se a pagar o tributo. Também o sátrapa de Além-Rio, o general Megabisos, iniciou um movimento de independência em 449, por causa de divergências políticas com a mãe do imperador. Apesar de Megabisos ter voltado atrás depois de alguns anos, reafirmando sua lealdade ao governo central, era de suma importância para este ter um súdito leal na recém-criada província de Judá, que estaria sob a administração de um ex-revoltoso. O projeto de Neemias — reconstruir os muros e a cidade de Jerusalém — coincidia, pois, de certa forma, com os interesses do império. Sabemos, p.ex., de Ne 5.4, que os judeus pagavam, mesmo que com dificuldades, direitinho o tributo ao rei persa. Volta a pergunta: Será que Neemias não foi necessário para que a estrutura de tributação do Império Persa continuasse funcionando a contento do governo central? Ou seja: a integridade pessoal e a autenticidade da fé de Neemias não teriam sido responsáveis por uma ingenuidade política?

À primeira vista, parece que sim. Há, no entanto, muitos indícios nos textos que mostram não podermos qualificar de ingênua a política de Neemias. Pelo contrário, temos a impressão de que Neemias veio muito bem preparado para a sua tarefa, tendo uma visão bem clara não somente dos possíveis conflitos que teria, mas também da importância de sua missão a curto e longo prazo. Além de piedoso, Neemias foi, a meu ver, também muito inteligente. O político que, à primeira vista, parece ser ingênuo como a pomba é astuto como a serpente (cf. Mt 10.16).

### 3 — O Político Astuto

Ao chegar em Jerusalém em 445 a.C., Neemias tem uma só idéia: a de reconstruir a muralha de Jerusalém. Ora, na época muralhas significam segurança e proteção para os que habitam dentro delas. Na época de Neemias, uma cidade murada é o primeiro passo para a independência política e, a médio prazo, também econômica. Não é por acaso que os governadores das províncias vizinhas, Sanballat de Samaria, Tobias de Amon e Gósen da Arábia, vêem na construção do muro algo "perigoso". Em primeiro lugar, ele significava que Judá tinha condições de ser uma província, já que se podia defender em caso de necessidade. Esta seria, é claro, uma independência relativa, pois a província de Judá e a cidade de Jerusalém continuariam sob a administração persa através da satrapia de Além-Rio. Mas uma autonomia frente às províncias vizinhas era um passo importante numa época em que todo o Império Persa começava a desmoronar, mas ainda não tinha perdido toda a sua força.

Parece-me que alguém que conhecia a política persa como Neemias não podia deixar de ver que era hora de dar pequenos passos para, no futuro, saber caminhar sozinho. Ou seja: os desgastantes e intermináveis conflitos com os gregos e as constantes tentativas de diversas satrapias de derrubar o jugo persa formavam um quadro político favorável para começar a construir, com a benevolência do império, uma independência, mesmo que relativa, para estar preparado quando da ruína do sistema imperial.

A relativa autonomia política de Jerusalém/Judá terá consequências econômicas. A província de Samaria, à qual os judeus estavam sujeitos até então, não mais poderia contar com os tributos da província de Judá. Além disto, as relações comerciais estavam sujeitas a serem modificadas. Sabemos que Tobias e Sanballat tinham negócios com parte da

elite judaíta (Ne 6.17-19; cf. 13.28). Em Ne 6.18, a causa da amizade entre Tobias e parte da nobreza de Judá não era o parentesco por casamento. O termo "aliados (por contratos)" indica que havia acordos comerciais entre o governador amonita e alguns nobres de Judá. Isto é corroborado pelo fato de Tobias, durante a ausência de Neemias, ter uma sala na área do templo (13.4ss). Isto somente tem sentido se Tobias mantém relações comerciais em Jerusalém. Na sala espaçosa, onde antes eram recolhidos as ofertas para os levitas, podem ser guardados, agora, os produtos comercializados por Tobias. Parece que Tobias era um tipo de intermediário entre um grupo de proprietários de terra judaítas e o mercado exterior. Com a construção da muralha de Jerusalém, Neemias parece também visar a uma certa autonomia de intermediários no comércio de produtos. Com as medidas de Neemias, o fluxo de mercadorias parece que deixou de ser unilateral: da província para o exterior. Ne 13.15ss mostra que havia, agora, também considerável fluxo de mercadorias para Jerusalém. Isto poderia vir em benefício da província de Judá. O texto mostra, no entanto, que somente a fortificação da cidade não impede a atuação de intermediários estrangeiros, quando há grupos interessados entre os próprios habitantes de Jerusalém e de Judá. Torna-se necessário o controle. E Neemias não sente remorso algum em expulsar Tobias do templo (13.8).

Se a construção da muralha e da cidade de Jerusalém significavam uma autonomia política e econômica — mesmo que, a curto prazo, relativa — pode-se compreender a determinação de Neemias na concretização desta tarefa. Por vezes, Neemias chega até a ser meio "durão". Ele parece, p.ex., passar por cima das reclamações dos carregadores de pedras (4.4; Almeida: 4.10). Ele força os construtores a trabalharem armados (4.11s; Almeida: 4.17s), de sol a sol, e até a pernoitarem na cidade. Sem dúvida, construir um muro de 2.500 metros em 52 dias é um trabalho que requer muita organização e esforço coletivo. Deve ter havido descontentamentos e tensões. Sabemos, por acaso, da lista dos construtores, que os nobres da vila de Tecoa se recusaram a participar do serviço de mutirão (3.5). Neemias também deveria ter sabido que seu projeto não teria o apoio de todos. Se não, porque teria ele, tão logo chegado a Jerusalém, inspecionado o estado da muralha na calada da noite, acompanhado apenas de sua gente? Ele contava com oposição. Mas, apesar da oposição, Neemias conseguiu, com os grupos judaítas que o apoiaram, levar a cabo o projeto da independência, mesmo que, às vezes, com uma determinação que, hoje, nos parece um tanto exagerada.

Neemias é determinado enquanto o projeto básico de liberdade está em jogo. Em outras circunstâncias, no entanto, Neemias é mais liberal que Esdras. Uns quinze anos antes de Neemias, Esdras havia ordenado a dissolução de matrimônios mistos, isto é, todos os israelitas que tivessem casado com mulheres não judias tinham que expulsá-las de casa juntamente com seus filhos (Ed 10). Neemias também se irrita com os judeus que se haviam casado com mulheres amonitas, asdoditas e moabitas, cujos filhos já não entendiam mais a língua paterna. Ele chegou a bater em alguns destes filhos. Mas ele não impõe uma separação de casais. Apenas admoesta os pais a evitarem, no futuro, estes casamentos (Ne 13.23ss). Esta proibição é, para nós hoje, algo absurdo. Mas em comparação com Esdras, Neemias tem uma posição menos rígida. Os leigos sabem, muitas vezes, ser mais tolerantes que o clero.

Até agora quisemos mostrar que, sob a aparente ingenuidade de Neemias, há um plano ousado de autonomia política e econômica. Este plano básico é viável, na época, somente se Jerusalém puder oferecer proteção aos habitantes da província. Com isto, no entanto, ainda não mencionamos uma das características principais do político Neemias: a sua sensibilidade aos anseios do povo.

#### **4 — O Político Sensível**

Pode parecer contraditório que Neemias fosse, ao mesmo tempo, determinado na execução de seu projeto e sensível aos problemas que afligiam os judeus. As duas características estão, no entanto, bem juntas em duas oportunidades: por ocasião da grande queixa do povo contra os seus "irmãos" nobres (Ne 5) e na questão da regulamentação do sábado (13.15ss).

Durante a construção dos muros de Jerusalém, ou logo após a conclusão dos mesmos, as camadas da população pobre, provavelmente lideradas por mulheres, se revoltam contra uma situação insustentável. Alguns são obrigados a penhorar filhos e filhas para receberem trigo para sobreviver. Outros empenham seus campos, vinhas ou casas pelo mesmo motivo. Um outro grupo tem que penhorar sua propriedade por um empréstimo em dinheiro para pagar o tributo do rei (5.1-4). A queixa dirige-se contra uma classe de judeus que se aproveitava da miséria de seus "irmãos". A situação é conhecida. Durante uma seca ou mesmo por causa de uma tributação muito alta, pode ocorrer que uma família não tenha o suficiente para sobreviver até a próxima colheita. Ela recorre,

então, a pessoas melhor situadas para fazer um empréstimo em dinheiro ou em grãos até a próxima safra. Além de ter que pagar os devidos juros, esta família vai ter que deixar um penhor com o credor. Este penhor podiam ser filhos ou filhas. Neste caso o credor podia usufruir gratuitamente do trabalho destas pessoas enquanto não fosse saldada a dívida. Em caso de o penhor ser um pedaço de terra, o antigo proprietário se tornava, provavelmente, arrendatário de sua própria terra, ou seja, a sua dívida inicial era acrescida de uma percentagem da produção do campo, vinha ou olival, que devia ser entregue ao credor até que a dívida inicial fosse completamente saldada. Evidentemente que é muito difícil escapar deste círculo vicioso. O endividado geralmente se endividava cada vez mais, empobrecia cada vez mais. Os penhores não voltavam aos proprietários originais ou, no caso de filhos, às suas famílias. Os filhos e as filhas podiam, então, ser vendidos como escravos a preços de mercado. As filhas podiam ser maltratadas. Os antigos proprietários tornavam-se arrendatários ou diaristas. De outro lado, uma classe economicamente forte tornava-se, aos poucos, cada vez mais rica. Neemias e seus companheiros também faziam parte desta elite que emprestava dinheiro aos "irmãos" pobres.

O descontentamento era tão generalizado que parece ter-se canalizado em um movimento. Talvez houvesse uma demonstração pública, liderada por mulheres enquanto os homens estavam construindo os muros da cidade. De qualquer forma, Neemias notou que a situação era tão grave que podia até ameaçar o seu projeto. Não se pode construir uma comunidade livre e estável quando há diferenças sociais tão flagrantes. A autonomia política e econômica almejada beneficiaria apenas uma elite que, aliás, nem sempre era confiável, como vimos acima. Além disto, a situação entrava em conflito com a fé israelita. Onde está a solidariedade de irmão? Juntamente com outros exilados de posses, Neemias parece ter comprado de volta israelitas que se haviam vendido, por necessidade, a outros povos como escravos. Agora, Neemias é obrigado a reconhecer que esta atitude piedosa está em flagrante contradição com a realidade e com a ética da nobreza judaíta. De um lado, comprar de volta "irmãos" judeus escravizados; de outro lado, permitir que "irmãos" sejam vendidos como escravos. O povo consegue abrir os olhos de Neemias. Por tudo isto, Neemias compra a briga. Quando a simples admoestação da elite econômica não dá resultado, ele convoca uma assembleia do povo "contra" a mesma (5.7) e consegue o perdão das dívidas e a restituição dos penhores. Talvez as desavenças posteriores de Neemias com os setores da nobreza judaíta tenham surgido deste seu posicionamento em favor dos pobres.

Muitas vezes o leitor da Bíblia acha que Neemias exagerou nas medidas que tomou para proibir qualquer trabalho e comércio no sábado (13.15-22), fechando os portões de Jerusalém e deixando os que traziam mercadorias para vender na cidade acampados ao relento, fora dos muros. Além de ser um judeu piedoso, preocupado com o cumprimento da lei, Neemias mostra, com a sua decisão, sensibilidade com os trabalhadores. Conforme Dt 5.14s, o dia de sábado deve trazer o descanso merecido do trabalhador. Os proprietários de terra e os comerciantes — não somente estrangeiros, mas também judaítas —, interessados no lucro, não respeitavam, na época, este direito dos seus trabalhadores. Por isto, Neemias admoesta fortemente os nobres de Judá (13.17), interessados em que nada pare nos sábados. Também neste caso Neemias mostra-se sensível aos anseios dos mais fracos e determinado em suas decisões.

## 5 — Conclusão

Poderíamos dizer muito mais deste político, o mais benquisto do Antigo Testamento. Poderíamos, p.ex., abordar a sua capacidade de organização por ocasião da construção dos muros (Ne 3) e da regulamentação do serviço no templo (10.33ss;13.10ss), a sua abnegação pessoal ao não exigir o "pão do governador", por "temor a Deus" (5.14s), a sua dedicação aos levistas, que não mais recebiam seu sustento (13.10ss), a originalidade no tratamento dos líderes de outros povos e dos adversários judaítas (p.ex. Ne 6). Mas não é o objetivo deste trabalho. Queríamos reafirmar que o político Neemias fundamenta a sua atuação em sua fé e piedade. Além disto, o trabalho quis mostrar que esta sua fé não fez de Neemias uma pessoa ingênua que se deixasse cooptar pelo Império Persa. Por último, esta sua fé não permitiu que Neemias se tornasse um obcecado que não mais vê a realidade concreta do povo. Pelo contrário, Neemias consegue, a partir das situações concretas, ver mais claramente as implicações de sua fé.

## Bibliografia

- CLINES, D.J.A. Ezra, Nehemiah, Esther. **New Century Bible Commentary.** Grand Rapids/London, 1984.
- FENSHAM, F.C. The Books of Ezra and Nehemiah. **The New International Commentary on the Old Testament.** Grand Rapids, 1982/83.
- KELLERMANN, U. Nehemia. Quellen, Überlieferung und Geschichte. **Beihfte zur Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft.** Vol.102. Berlin, 1967.
- KIPPENBERG, H.G. **Religião e Formação de Classes na Antiga Judéia.** Estudo sociorreligioso sobre a relação entre tradição e evolução social. Coleção Bíblia e Sociologia. Vol.4. Paulinas, São Paulo,(1982) 1988.
- RUDOLPH, W. Esra und Nehemia samt 3. Esra. **Handbuch zum Alten Testament.** Vol. 1/20. Tübingen, 1949.
- VALLAURI, E. Esdras — Neemias. In: P.Teodorico Ballarini (ed.). **Introdução à Bíblia. Vol.III/1. Vozes, Petrópolis, 1983.**